

Oliver Cann, Responsável pelas Comunicações estratégicas, Correio eletrónico: [oliver.cann@weforum.org](mailto:oliver.cann@weforum.org), Tel.: +41 79 799 34 05

## A pergunta dos 10 biliões de dólares: Por que razão a produtividade global estagnou durante uma década?

- Uma década e 10 biliões de dólares americanos em estímulo fiscal após a crise financeira global, o *Relatório de Competitividade Global 2019* descobre que a maioria das economias está ainda bloqueada num ciclo de crescimento da produtividade baixo ou plano
- As economias que canalizaram investimentos em capital humano, melhoria das instituições, capacidade de inovação e dinamismo comercial serão as mais bem posicionadas para reavivar a produtividade e suportar um abrandamento global
- Leia o relatório completo [aqui](#)

**Genebra, Suíça, 9 de outubro de 2019** – Dez anos após a crise financeira global, a economia global permanece bloqueada num ciclo de crescimento da produtividade baixo ou plano, apesar da injeção de mais de 10 biliões de dólares americanos por bancos centrais. Enquanto estas medidas sem precedentes foram bem-sucedidas para evitar uma recessão mais profunda, não são suficientes por si só para catalisar a atribuição de recursos para investimentos potenciadores de produtividade nos setores privado e público. À medida que as políticas monetárias abrandam, é crucial que as economias se apoiem em política fiscal e incentivos públicos para impulsionar a investigação e o desenvolvimento, aumentar a base de competências da força de trabalho atual e futura, desenvolver novas infraestruturas e integrar novas tecnologias, entre outras medidas.

A série do *Relatório de Competitividade Global*, lançada em 1979, fornece uma avaliação anual dos impulsionadores da produtividade e crescimento económico a longo prazo. A avaliação baseia-se no Índice de Competitividade Global (ICG), que mapeia o panorama de competitividade de 141 economias através de 103 indicadores, organizados em 12 pilares. Para cada indicador, utilizando uma escala de 0 a 100, mostra quão próxima está uma economia do estado ideal ou «fronteira» de competitividade.

Com um resultado de 84,8 (+1,3), Singapura é a economia mais competitiva do mundo em 2019, ultrapassando os Estados Unidos, que passam para segundo lugar. Hong Kong (3.º), Países Baixos (4.º) e Suíça (5.º) compõem os top cinco. A média ao longo das 141 economias abrangidas é de 61 pontos, quase 40 pontos até à fronteira. Esta lacuna de competitividade global é ainda mais preocupante agora que a economia global enfrenta a perspectiva de uma recessão. O contexto geopolítico em mudança e o aumento das tensões comerciais alimentam a incerteza e podem precipitar um abrandamento. No entanto, alguns dos melhores desempenhos no ICG deste ano parecem beneficiar das disputas comerciais através de desvio do comércio, incluindo Singapura (1.º) e Vietname (67.º), o país com a maior melhoria no Índice deste ano.

«O Índice Global de Competitividade 4.0 fornece uma bússola para prosperar na nova economia, onde a inovação se torna o principal fator de competitividade. O relatório mostra que os países que integram em suas políticas económicas uma ênfase em infraestrutura, habilidades, pesquisa e desenvolvimento e apóiam os deixados para trás são mais bem-sucedidos em comparação àqueles que se concentram apenas nos fatores tradicionais de crescimento,» afirmou Klaus Schwab, Fundador e Diretor Executivo do Fórum Económico Mundial.

O relatório é um lembrete para os decisores políticos nacionais para aplicarem uma abordagem holística e equilibrar melhor as considerações a curto prazo com fatores cujo impacto se sente para além dos resultados trimestrais e os ciclos eleitorais. Por exemplo, os resultados do índice mostram que as políticas de trabalho e educação não têm acompanhado a inovação na maioria dos países, incluindo algumas das maiores e mais inovadoras economias. Os governos devem antecipar melhor as consequências imprevistas da integração tecnológica, e implementar políticas sociais complementares que apoiem as populações através da Quarta Revolução Industrial. O relatório mostra que várias economias com forte capacidade de inovação como a Coreia, o Japão e a França, ou capacidades em



Source: World Economic Forum, The Global Competitiveness Report 2019

crescimento, como a China, a Índia e o Brasil, devem melhorar a sua base de talentos e o funcionamento dos seus mercados laborais.

Além disso, o relatório destaca as bases económicas frágeis de várias economias menos desenvolvidas e emergentes, tornando-as altamente vulneráveis a choques. Com a desaceleração da redução da pobreza extrema e com quase metade da humanidade ainda com dificuldades para satisfazer as suas necessidades básicas, o relatório é um lembrete da necessidade de crescimento sustentado e impulsionador da produtividade, o que permanece essencial para conseguir melhores padrões de vida.

Tornou-se também evidente que os legisladores enfrentam uma escolha quando se trata de definir a direção correta para o crescimento através da «qualidade» das políticas e dos investimentos públicos, para enfrentar de forma proativa desafios como a desigualdade, as alterações climáticas e as disparidades tecnológicas. Os compromissos presumíveis entre fatores económicos, sociais e ambientais podem surgir de uma visão do crescimento a curto prazo e limitada, mas podem ser mitigados adotando uma abordagem holística e a longo prazo para o desenvolvimento sustentável. Por exemplo, a Suécia, a Dinamarca e a Finlândia estão não só entre as economias mais tecnologicamente avançadas, inovadoras e dinâmicas do mundo, mas fornecem também melhores condições de vida e proteção social, e são mais consistentes e sustentáveis do que outras num nível semelhante de competitividade. O relatório mostra que outros países têm resultados muito diferentes em fatores sociais e ambientais para o mesmo nível de competitividade atual, e devem agir hoje para criar economias não apenas crescentes, mas também de baixo carbono e inclusivas.

«Uma grande preocupação atual é a capacidade reduzida dos governos e bancos centrais em utilizar as políticas monetárias para estimular o crescimento económico. Isto torna ainda mais importante a adoção de políticas impulsionadoras de competitividade que consigam impulsionar a produtividade, encorajar a mobilidade social e reduzir a desigualdade salarial,» disse Saadia Zahidi, Responsável pelo Centro para a Nova Economia e Sociedade do Fórum Económico Mundial.

## Destaques regionais e nacionais

Com um resultado de 84,8 em 100, Singapura é o país mais próximo da fronteira de competitividade. Outras economias do G20 que estão nos top 10 incluem os Estados Unidos da América (2.º), Japão (6.º), Alemanha (7.º) e o Reino Unido (9.º), enquanto a Argentina (83.º, descendo dois lugares) está no lugar mais baixo dos países do G20.

A presença de muitos países competitivos na Ásia-Pacífico torna esta região a mais competitiva do mundo, seguida de perto pela Europa e a América do Norte. Na Ásia-Pacífico, Singapura lidera o resultado regional e global graças a um desempenho de top 10 em sete dos 12 pilares GCI, incluindo Infraestrutura (95,4), Saúde (100), Mercado laboral (81,2), Sistema financeiro (91,3), qualidade das instituições públicas (80,4) e tem a vantagem de ser a economia mais aberta do mundo. Segue-se Hong Kong (3.º), Japão (6.º), e Coreia (13.º). A China está em 28.º (o mais elevado dos BRICS), enquanto o país que mais subiu na região este ano (Vietname) está em 67.º. A tabela revela a heterogeneidade do panorama de competitividade regional. Ainda que a região albergue algumas das economias tecnologicamente mais avançadas do mundo, os resultados médios da capacidade inovadora (54,0) e dinamismo comercial (66,1) são relativamente baixos, estando atrás da Europa e da América do Norte.

Os Estados Unidos (2.º no total) é o líder na **Europa e na América do Norte**. Apesar de terem descido um lugar, os Estados Unidos permanecem um foco de inovação, estando em 1.º lugar no pilar de dinamismo comercial e no 2.º na capacidade de inovação. Seguem-se os Países Baixos (4.º), a Suíça (5.º), a Alemanha (7.º), a Suécia (8.º), o Reino Unido (9.º) e a Dinamarca (10.º). Entre outras grandes economias da região, o Canadá está em 14.º, a França em 15.º, a Espanha em 23.º e a Itália em 30.º. A maior subida foi registada pela Croácia (63.º).

Na **América Latina e Caraíbas**, o Chile (70,5, 33.º) é a economia mais competitiva graças a um contexto macroeconómico estável (1.º, com outras 32 economias) e mercados abertos (68,0, 10.º). Segue-se o México (48.º), o Uruguai (54.º) e a Colômbia (57.º). O Brasil, apesar de ser a economia que mais melhorou na região, está em 71.º; enquanto a Venezuela (133.º, descendo seis lugares) e o Haiti (138.º) encerram a classificação regional. A região fez melhorias importantes em muitas áreas, mas continua atrasada em termos de qualidade institucional (o resultado regional médio é 47,1) e capacidade de inovação (34,3), os dois desempenhos regionais mais baixos.

No **Médio-Oriente e Norte de África**, Israel (20.º) e os Emirados Árabes Unidos (25.º) lideram a classificação regional, seguidos pelo Catar (29.º) e a Arábia Saudita (36.º); o Koweit registou a maior subida na região (46.º, subindo oito posições) enquanto o Irão (99.º) e o Iémen (140.º) descem alguns lugares. A região melhorou substancialmente na adoção de TIC, e muitos países construíram infraestruturas sólidas. São, no entanto, necessários mais investimentos em capital humano, para transformar os países da região em economias mais inovadoras e criativas.

A classificação em competitividade da **Eurásia** regista a Federação Russa (43.º) no primeiro lugar, seguindo-se o Cazaquistão (55.º) e o Azerbaijão (58.º), ambos com melhoria de desempenho. Um foco no desenvolvimento financeiro (52,0) e na capacidade de inovação (35,5) ajudaria a região a atingir um desempenho de competitividade mais elevado, e avançar o processo em direção a uma mudança estrutural.

Na **Ásia Meridional**, a Índia, em 68.<sup>o</sup>, desce na classificação apesar de um resultado relativamente estável, sobretudo devido a desenvolvimentos mais rápidos de vários países anteriormente em posições inferiores. Segue-se o Sri Lanka (o país com mais desenvolvimento da região, em 84.<sup>o</sup>), o Bangladesh (105.<sup>o</sup>), o Nepal (108.<sup>o</sup>) e o Paquistão (110.<sup>o</sup>).

Encabeçada pelas Maurícias (52.<sup>o</sup>), a **África Subsariana** é globalmente a região menos competitiva, com 25 das 34 economias avaliadas este ano com resultados inferiores a 50. A África do Sul, o segundo mais competitivo da região, sobe para a 60.<sup>a</sup> posição, enquanto a Namíbia (94.<sup>o</sup>), o Ruanda (100.<sup>o</sup>), o Uganda (115.<sup>o</sup>) e a Guiné (122.<sup>o</sup>) melhoraram significativamente. Entre as restantes grandes economias da região, o Quênia (95.<sup>o</sup>) e a Nigéria (116.<sup>o</sup>) melhoraram também os seus desempenhos, mas perderam algumas posições, ultrapassados por melhorias mais rápidas. Numa nota positiva, dos 25 países que melhoraram o resultado de Saúde em dois pontos ou mais, 14 são da África Subsariana, dando passos para eliminar as disparidades na esperança média de vida saudável.

### **Outras descobertas no relatório deste ano**

Além da classificação do Índice, o relatório traz outras visões sobre o estado da economia global. Quando se trata de concentração de mercado, o relatório descobre que os líderes de negócios nos Estados Unidos, China, Alemanha, França e Reino Unido acreditam que o poder de mercado das empresas líder intensificou-se ao longo da última década.

No que diz respeito a encontrar colaboradores competentes, das economias do G7, apenas os Estados Unidos figuram no top 10. Aliás, é a melhor economia do mundo nesta categoria. Das restantes, o Reino Unido vem a seguir (12.<sup>o</sup>), seguido pela Alemanha (19.<sup>o</sup>), o Canadá (20.<sup>o</sup>), a França (41.<sup>o</sup>), o Japão (54.<sup>o</sup>) e a Itália (63.<sup>o</sup>). A China surge em 40.<sup>o</sup>.

As maiores economias do mundo têm também espaço para melhorias no que diz respeito à governança da tecnologia. Quando questionados sobre como os enquadramentos legais no seu país estão a adaptar-se aos modelos de negócio digitais, apenas quatro economias do G20 surgem no top 20. Estas são: os Estados Unidos (1.<sup>o</sup>), a Alemanha (9.<sup>o</sup>), a Arábia Saudita (11.<sup>o</sup>) e o Reino Unido (15.<sup>o</sup>). A China surge em 24.<sup>o</sup> nesta categoria.

### **Sobre o novo Índice de Competitividade Global 4.0**

Com base em quatro décadas de experiência em análise comparativa de competitividade, o Índice de Competitividade Global do Fórum Económico Mundial 4.0 é um indicador composto que avalia o conjunto de fatores que determinam o nível de produtividade de uma economia - amplamente considerado o fator determinante mais importante do crescimento a longo prazo. O enquadramento GCI 4.0 assenta em 12 impulsionadores principais de produtividade, ou pilares: Instituições; Infraestruturas; Adoção de TIC; Estabilidade macroeconómica; Saúde; Competências; Mercado de produto; Mercado laboral; Sistema financeiro; Dimensão de mercado; Dinamismo comercial e Capacidade de inovação. Engloba 103 indicadores individuais distribuídos pelos 12 pilares.

### **Plataforma para moldar o futuro da nova economia e sociedade**

O *Relatório Global de Competitividade* é uma publicação emblemática da Plataforma para moldar o futuro da nova economia e sociedade do Fórum Económico Mundial. A Plataforma fornece a oportunidade para avançar economias e sociedades prósperas, inclusivas e equitativas. Foca-se na cocriação de uma nova visão em três áreas interligadas: crescimento e competitividade; educação, competências e trabalho; e igualdade e inclusão. Trabalhando em conjunto, os grupos de interesse aprofundam a sua compreensão de questões complexas, moldam novos modelos e padrões, e impulsionam ação dimensionável e colaborativa para a mudança sistémica.

Mais de 100 das empresas líderes mundiais e 100 organizações internacionais da sociedade civil e académicas trabalham atualmente com a Plataforma, para promover novas abordagens à competitividade na economia da Quarta Revolução Industrial; implementar educação e competências para a força laboral de amanhã; construir uma nova agenda em prol dos trabalhadores e dos negócios para o emprego; e integrar a igualdade e a inclusão na nova economia, com o objetivo de alcançar mil milhões de pessoas com melhores oportunidades económicas.

### **Notas aos editores**

Conheça o impacto do Fórum Económico Mundial: <https://www.weforum.org/our-impact>

Veja as melhores fotografias do Flickr do Fórum em <http://wef.ch/pix>

Torne-se um fã do Fórum no Facebook em <http://wef.ch/facebook>

Siga o Fórum no Twitter em <http://wef.ch/twitter>

Leia o blogue do Fórum em <http://wef.ch/agenda>

Veja os próximos eventos do Fórum em <http://wef.ch/events>

Inscreva-se nos comunicados de imprensa do Fórum em <http://wef.ch/news>

O Fórum Económico Mundial, empenhado na melhoria do estado do mundo, é a organização internacional de cooperação público-privada. O Fórum envolve os principais líderes políticos, comerciais e outros líderes da sociedade para dar forma a agendas globais, regionais e industriais. ([www.weforum.org](http://www.weforum.org)).

